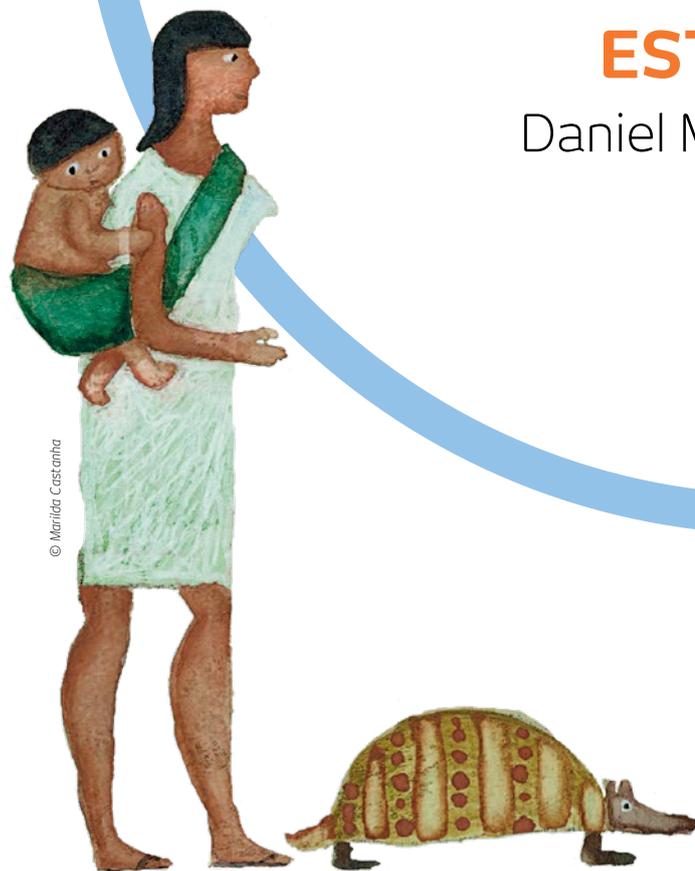


ESTAÇÕES

Daniel Munduruku



Resenha

Estações é um livro sobre o tempo: um tempo não linear, não abstrato – um tempo que passa sem se atropelar. Nesta obra, Munduruku nos lembra que olhar para o tempo das coisas da natureza, que brotam, florescem e fenecem, ajuda a compreender o tempo da nossa própria vida. É um tempo “que não dá saltos”, “que segue seu fluxo”: basta olhar com atenção para as plantas para compreender que o tempo do crescimento não é o tempo da pressa e da pressão que rege as demandas de produtividade da sociedade capitalista em que vivemos. Quem observa a natureza começa a compreender que as coisas desabrocham e rendem em partilha: é na troca entre seres de espécies muito diferentes que a vida ganha forma e se regenera.

Ao mesmo tempo, o autor nos lembra que uma das coisas mais fundamentais a respeito da natureza da vida é a sua permanência. Num dos mais belos trechos do livro, Daniel Munduruku nos diz, em um jogo de repetição e inversão: “Natureza é como gente. Passa. Gente é como natureza. Passa”. É preciso, portanto, aceitar as mudanças, deixar que as coisas passem. O autor faz uma analogia entre as quatro estações do ano e as diferentes etapas da vida: a infância brinca como a primavera; a juventude é intensa e ardente como o verão; a idade adulta, como o outono, é uma etapa de gestação e metamorfose; enquanto o inverno, como a velhice, nos ensina o recolhimento necessário para que a sabedoria brote.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Nesse belo texto reflexivo, que pode ser lido como um poema, Daniel Munduruku nos convida a ver a natureza ao nosso redor e nos reconhecer nela, ensinando-nos a vivenciar diferentes etapas da vida – que brota, cresce, se transmuta, fenece e volta a nascer. Em poucas palavras, o autor nos apresenta de modo engenhoso e sensível as verdades muito presentes na cultura dos povos originários, mas que o modo de vida afogueado dos centros urbanos muitas vezes leva a esquecer.

Ler este livro é aprender a escutar o próprio corpo ao observar a vida que brota ao nosso redor, aprendendo a agradecer o momento presente, que deve ser recebido como dádiva. As belas ilustrações de Marilda Castanha, que dialogam com a iconografia e os grafismos dos povos indígenas, nos ajudam a vislumbrar essa temporalidade ao mesmo tempo simples, direta e profunda – esse tempo tão perto de nós, que nos lembra de nossa conexão ancestral com todas as formas de vida.



Depoimento

De Manoela Pamplona,
mãe, atriz e natureza

Ipê, de sete anos, e Teo, de cinco, passaram a semana toda doentes. Febre, tosse, falta de apetite... não houve humor que segurasse.

Foi assim, em clima de briga e de mau humor, que eles se sentaram para lermos juntos o delicado livro de Daniel Munduruku.

Ao ver as ilustrações de Marilda Castanha, Teo já se entregou à leitura e, encantado, soltou:

— Que lindo!

Ipê, mal-humorado, logo rebateu dizendo que não dava pra entender a ilustração:

—Essa terra, não dá pra entender que é terra. Essa capivara, também não dá pra saber que bicho é...

Achando graça na incoerência e segurando o riso, segui com o texto, que é uma verdadeira louvação à natureza. Teo continuava encantado com as ilustrações e, visto que Ipê havia dito que não dava para entender, ele não parava de descrever cada detalhe do que estava vendo.

O momento auge do encantamento foi quando chegou a ilustração em que aparece um bebê, uma criança, um adulto e um idoso e, do outro lado, um brotinho, uma planta maior, uma árvore frondosa e uma árvore seca. Os dois ficaram um longo tempo observando, refletindo e comentando sobre a analogia.

O autor também relaciona as idades com as estações do ano. Ipê se identificou com o inverno (que, no livro, é relacionado à velhice) e disse:

— Eu sou inverno... quer dizer, vou ser. Por enquanto sou criança-primavera.

Para mim foi a prova de que a delicadeza do livro havia perfurado a carcaça do mau humor dele.

Daniel Munduruku fala de uma gente que “quando natureza, vive o presente como presente. Observa e sabe esperar”.

Ipê foi logo dizendo:

—Todo humano sempre é natureza. Pessoa é natureza!

Porém, Teo argumentou:

— Mas, às vezes, eu não sei esperar...

Ipê disfarçou, mas ficou pensativo. Continuamos a leitura, e outras características da pessoa-natureza apareceram no livro:

“Observa a chuva e sabe dançar.

Olha os pássaros e sabe cantar.

Admira os bichos e sabe pintar”

Ipê então assumiu:

— Claro que eu sei dançar, cantar e pintar, quem não sabe? Eu só preciso observar mais a chuva...

Agora as ilustrações estavam “fáceis de entender” e cada vez mais interessantes para todos. Num clima totalmente transformado, acabamos de ler o livro e os meninos foram tomar banho. No meio do banho, Teo me chama, mostrando que o livro gerou reflexões:

— Mãe! Sabia que natureza é a coisa mais importante do mundo?

— É mesmo? — perguntei. — Por quê?

— Porque a natureza nos dá comida, ar para respirar...

Então, Ipê entrou na conversa:

— Como assim importante?

— As coisas que as pessoas fazem são fáceis de destruir, mãe. A natureza, não. Ela é muito grande. Se não existisse humano, só existiria natureza.

— E se não existisse natureza, a gente não existiria – acrescentou Teo, mostrando que havia compreendido o pensamento.

Fiquei feliz demais ao ver que um tema tão sério penetrou, por meio da poesia e da beleza do livro, com tanta profundidade no coração dessas crianças.

E prometi que vamos observar a chuva.



Um pouco sobre o autor

Daniel Munduruku é um escritor e professor nascido em Belém-PA, pertencente ao povo indígena Munduruku. Autor de 65 livros publicados por diversas editoras no Brasil e no exterior, grande parte de literatura infanto-juvenil. Graduado em Filosofia, tem licenciatura em História e Psicologia, mestrado

e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Dentre os muitos prêmios nacionais e internacionais recebidos destaca-se o Prêmio Jabuti, em 2004 e em 2017. Muitos de seus livros receberam selo “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Engajado no Movimento Indígena Brasileiro, reside, desde 1987, em Lorena-SP, cidade onde é diretor-presidente do Instituto Uka e do selo Uka Editorial e membro fundador da Academia de Letras de Lorena.



Leia Mais...

Do mesmo autor

- ✦ *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*. São Paulo: Peirópolis.
- ✦ *Kabá Darebu*. São Paulo: Brinque-Book.
- ✦ *O karaíba: uma história do pré-Brasil*. São Paulo: Melhoramentos.
- ✦ *O sinal do pajé*. São Paulo: Peirópolis.
- ✦ *Crônicas indígenas para rir e refletir na escola*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de história*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo assunto

- ✦ *O menino-trovão*, de Kaká Werá. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Tembetá: conversas com pensadores indígenas*, de Idjahure Kadiwéu. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- ✦ *Ay kakyri tama: eu moro na cidade*, de Marcia Wayna Kambeba. Rio de Janeiro: Polén Livros.
- ✦ *Poemas para curumins e cunhantãs*, de Tiago Hakiy. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Terra, rio e guerra: a sina de um curumim*, de Cristino Wapichana. São Paulo: Moderna.